



MARINA MAIA
DA SILVA



DIÁLOGOS MARIA FELIPA DE OLIVEIRA:

**MEMÓRIA, FEMINISMO NEGRO
E PEDAGOGIA ENGAJADA NO
ENSINO DE HISTÓRIA**





PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

DIÁLOGOS MARIA FELIPA DE OLIVEIRA: MEMÓRIA, FEMINISMO NEGRO E PEDAGOGIA ENGAJADA NO ENSINO DE HISTÓRIA

MARINA MAIA DA SILVA

Solução didático pedagógica apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestra ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional, PROFHISTORIA, da Universidade do Estado da Bahia. Área de concentração: Ensino de História.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Pons Cardoso

Projeto gráfico: Adriana Gabriela _Artè Edições
adrianagabriela.st@gmail.com
<https://adrianagabriela28.wixsite.com/artefundamental>

Foto Capa: Filomena Orge*

**SALVADOR-BA
2022**



*Foto Capa: retrato falado de Maria Felipa feito em 2005 com base em relatos históricos pela perita técnica Filomena Orge, em <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/09/07/peixeira-e-surra-de-planta-por-que-maria-felipa-e-heroína-da-independência.htm>

MARIA FELIPA, HEROÍNA NEGRA

Gildete Virgens[1]

MARIA FELIPA
GUERREIRA DA ILHA
SEU POVO MARIA
VAI SEGUIR SUA TRILHA

SUA LUTA MARIA
NÃO SERÁ MAIS EM VÃO
AGORA SEU POVO
QUER OUTRA NAÇÃO

QUER MAIS IGUALDADE
DE OPORTUNIDADES
PRA ESSE POVO QUE DEU
SUA LIBERDADE

E FEZ DESTA NAÇÃO
DE BELEZAS MIL
ESSE GRANDE PAÍS
QUE É O NOSSO BRASIL

MARIA FELIPA
FELIPA, A MARIA...
A NEGRA HEROÍNA
DA NOSSA BAHIA

MARIA FELIPA
VOCÊ FOI VALENTE
AJUDOU O BRASIL
A SER INDEPENDENTE

QUEREMOS FELIPA
DEIXAR NA MEMÓRIA
DO POVO BRASILEIRO
SUA LUTA, SUA GLÓRIA

AGORA SEU POVO
DE BELEZAS MIL
QUER OUTRA NAÇÃO
QUER OUTRO BRÁSIL

[1] A autora é vice-presidente da Casa Maria Felipa e pertence a uma família que tradicionalmente luta pela valorização da negritude na cidade de Salvador, bem como pela valorização das mulheres negras na sociedade. Disponível em.:

<<https://casademariafelipacuruzu.wordpress.com/2010/07/16/posia-maria-felipa-heroina-negra/>> Acesso em maio de 2022



Um as primeiras palavras

O E-book aqui apresentado foi elaborado a partir das reflexões do processo investigativo “Diálogos Maria Felipa de Oliveira: Memória, Feminismo Negro e Pedagogia Engajada no ensino de História”. Ele se materializa como um convite ao ensino de história com e através de narrativas das mulheres negras, com destaque para Maria Felipa. As atividades sugeridas foram construídas com as bases interpretativas do feminismo negro, tendo a interseccionalidade como categoria de análise.

Maria Felipa de Oliveira é considerada pelos ilhéus de Itaparica como guerreira negra que guiou um grupo de 40 mulheres na luta pela independência do Brasil na Bahia. O retrato que está na capa do e-book é uma conquista dos movimentos sociais, de reconhecimento por sua trajetória. Produzido em 2004, por Filomena Orge, que reuniu elementos a partir das memórias dos ilhéus, subsídios históricos e tradições literárias sobre Maria Felipa. Um rosto para uma heroína negra, um rosto que representa muitas mulheres negras na história.

Espero que este E-book alcance positivamente as(os) colegas que, assim como eu, acreditam na potência transformadora de uma educação antirracista para desnaturalizar as injustiças sociais.

**Desejo uma sala de aula cheia de entusiasmo
para todas e todos.**



Sumário

INTRODUÇÃO	6
1. MARIA FELIPA DE OLIVEIRA, HEROÍNA NEGRA DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NA BAHIA	9
1.1 As Memórias Sobre Maria Felipa De Oliveira	13
2. A SALA DE AULA COMO COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM COM MARIA FELIPA DE OLIVEIRA E A PARTIR DO FEMINISMO NEGRO	15
2.1 Maria Felipa De Oliveira e a Interculturalidade Crítica.....	15
2.2 Pedagogia Engajada: Sala de Aula Como Comunidade de Aprendizagem.....	15
2.3 Letramento da Interseccionalidade no Ensino de História.....	16
3. CAMINHADAS DE APRENDIZAGENS	18
3.1 Maria Felipa de Oliveira, heroína negra da Independência do Brasil.....	18
3.2 Maria Felipa, ganhadeira, marisqueira e guerreira.....	23
3.3 Memória e reconhecimento como caminho para liberdade com Maria Felipa de Oliveira.....	25
3.4 Um rosto para a guerreira Maria Felipa de Oliveira.....	29
3.5 Maria Felipa propõe a construção da justiça social para todos e o reconhecimento da força da mulher negra na construção da sociedade.....	33
3.6 No mar, no rio ou sertão Maria Felipa é força de realização.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40
ANEXOS	44



INTRODUÇÃO

A solução didática pedagógica resultante da pesquisa, “Diálogos Maria Felipa de Oliveira: Memória, Feminismo Negro e Pedagogia Engajada no ensino de História”, recebeu o mesmo título da Dissertação por espelhar os caminhos da pesquisa em estratégias didáticas para o ensino. A lei 10639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Parecer CNE/CP nº 003, de 10/03/2004) são conquistas que beneficiam toda a sociedade, mas o racismo dificulta a capacidade de reconhecimento e ações para sua efetivação.

A legislação antirracista em educação desencadeou um processo de mudanças epistemológicas e política dos currículos de história no que se refere a educação para as relações étnico-raciais (GOMES, 2012). No entanto, concordo com Gonzalez (2020), quando diz que a visão tradicional da história do Brasil ainda carrega as representações negativadas da população negra e elas se traduzem e reproduzem em práticas sociais subalternas. Ao propor uma reflexão para os marcadores sociais que impactam nestas construções, objetivamos colaborar para uma educação das relações étnico-raciais engajada na transformação da sociedade.

Maria Felipa é uma mulher negra na memória nacional, a sua trajetória de existência enquanto conhecimento histórico sobre independência do Brasil é insurgente e foi erguida pela memória dos moradores da ilha de Itaparica. A comunidade vem construindo uma narrativa a ser aprofundada pela historiografia, e enquanto esses estudos não adentram a academia, ela alcança a sala de aula a partir da força de sua representação para os ilhéus de Itaparica e de todas as mulheres negras, invisibilizadas enquanto sujeito histórico.

Não proponho uma visão conclusiva das memórias sobre a sua trajetória histórica, outros caminhos devem ser percorridos, no entanto, intenciono que as atividades possam contribuir para um ensino que dialogue com as memórias como vestígios de uma história negada e importância do seu protagonismo na representação e construção da identidade negra positiva das(os) estudantes, através dos movimentos de reconhecimento e das narrativas que sobre ela, a heroína negra da Ilha de Itaparica, circulam em sociedade.

Quando Maria Felipa é celebrada, ela não vem sozinha, está acompanhada de todos os grupos subalternizados, esquecidos na narrativa escolar sobre a Independência, e amplia as perspectivas de representação da mulher negra, ao problematizar os arquétipos de controle (GONZALEZ, 2020) naturalizados nestas narrativas.



Reconhecemos o lugar de fronteira para o ensino de história, onde os saberes se tocam em uma produção de conhecimento dinâmica envolvendo professor, estudante e a comunidade escolar, e objetivamos para esse lugar um deslocamento intercultural crítico, tendo as produções das intelectuais negras como referências para leituras sobre o Brasil, momento em que se alavancam o conhecimento histórico produzido e abordagem de sala de aula como comunidade.

O presente material foi produzido para as(os) professoras(es) como recurso didático com base no diálogo destes saberes, um conhecimento em deslocamento epistemológico e na fronteira, sendo aplicabilidade sugerida para estudantes do ensino médio, devido ser nesta etapa o aprofundamento das revoltas e conceitos da construção do Estado Nacional. Ele pode ser utilizado facilmente em outras etapas de ensino e foi produzido com base nas memórias sobre Maria Felipa de Oliveira e nos movimentos de reconhecimento.

Esse trabalho possibilita a insurgência de uma narrativa outra sobre a Independência do Brasil, com Maria Felipa de Oliveira, e a partir do Feminismo Negro, revelando a complexa rede racista e sexista fundante do Estado, assim como traz à sala de aula a história e luta da mulher negra contra a subalternização, um lugar de resistência a desumanização, construção de representações estereotipadas, exploração da sua força de trabalho e erotização dos seus corpos. Desta forma, iremos partir da problematização do pensamento dominante, abrindo caminhos para a perspectiva decolonial, por introduzir outras formas de pensar e visibilizar a luta dos povos que sobreviveram a violência da colonização (WALSH, 2009).

Dos tempos de Maria Felipa à contemporaneidade, houve mudanças e muitos direitos foram conquistados através das lutas dos movimentos sociais. No entanto, é importante destacar que as desigualdades sociais como produto gerado e regulado pela matriz moderno/colonial, que tem como eixos principais o racismo e sexismo, vai se atualizando e continua naturalizando a exploração, a discriminação e a violência da população não branca do Brasil.

As representações distorcidas sobre a mulher negra na história são exemplos da alienação discursiva diretamente ligada às práticas sociais que desumanizam esta mulher, interditando sua existência a lugares sociais subalternos, principalmente no mercado de trabalho (NASCIMENTO, 2019). Através da análise interseccional, sensibilidade analítica das intelectuais feministas negras, esta engrenagem passa a ser nomeada e os marcadores de classe, raça e gênero poderão ser analisados imbricados, situando o sujeito na realidade social e problematizando suas representações.



Para as estratégias didáticas, os pilares de sustentação das atividades estão na pedagogia engajada e no letramento da interseccionalidade para o ensino de história. Se faz necessário uma aproximação prévia com os conceitos, não é apenas sobre saber/informar, é sobre viver a partir desse saber e mudar os paradigmas internos de direcionamento do ensino.

O material está organizado em três partes: No primeiro momento algumas análises construídas a partir da trajetória de Maria Felipa ao logo da pesquisa e as memórias que serão usadas como fonte nas atividades com os estudantes; no segundo momento, os princípios que embasam a construção das atividades; e por último, os caminhos de aprendizagem que foram construídos na força da representação da guerreira negra Maria Felipa, visando uma educação transgressora, antirracista, antissexista e alinhada à luta por justiça social. Ainda como parte deste material, em anexo, algumas fontes para aplicação das atividades.





1. MARIA FELIPA DE OLIVEIRA, HEROÍNA NEGRA DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NA BAHIA

Na segunda metade do século XVIII, nascera na Bahia uma mulher negra chamada Maria Felipa de Oliveira. Poderia estar ela entre muitas que viveram em resistência e luta em uma sociedade escravista, mas que morreram anônimas sem reconhecimento por suas trajetórias e valores. No entanto, ela se manteve viva através da memória coletiva dos moradores da Ilha de Itaparica. Para Halbwachs (2003), o fenômeno da recordação deve ser analisado dentro do seu contexto social, neste sentido, nenhuma lembrança pode coexistir isolada de seu grupo. Essas memorações necessitam de uma comunidade afetiva, cuja construção ocorre no convívio social, neste grupo, a memória individual é um ponto de vista da memória coletiva.

As vozes que quebram o silêncio sobre essa mulher negra na guerra de independência, emergem como memórias subterrâneas (POLLAK, 1989), ou seja, registros herdados por um povo que teve sua história proibida. Essas memórias são ecos das pessoas simples, que com Maria Felipa lutaram na guerra, compartilharam o cotidiano, vida e luta em uma das mais belas paisagens naturais da Bahia. O lugar, o espaço geográfico, compõem o ambiente social que une a população em torno da sua trajetória histórica. As memórias integram a comunidade afetiva da ilha, sentimentos e valores estão imbricados nesta narrativa que traz para o centro uma protagonista negra e celebram através dela os feitos de coragem de seus ancestrais.

A Ilha de Itaparica, que em tupi significa “cerca de pedra”, está localizada na Baía de Todos os Santos e é cercada por lindos recifes de corais. O ano de 1799 é citado por Fernando Rebouças (apud Farias, 2010) como provável data do nascimento de Maria Felipa de Oliveira, e através das memórias podemos afirmar que ela tenha se criado entre as praias, matas e mangues da ilha. Suas atividades de trabalho, as estratégias de guerra e sua coragem em defender esse lugar, indicam uma profunda ligação com a comunidade e o espaço geográfico.

Maria Felipa nasceu na rua da Gameleira, no atual município de Itaparica, as memórias dos ilhéus indicam que tenha morado um tempo na Beribeira e depois na ponta das Baleias, em um casarão chamado Convento. As(os) moradoras(res) da ilha que relatam sua trajetória não se distanciam dos sujeitos que foram contemporâneos desta mulher, ambos representam grupos subalternizados, cujas vidas foram (e ainda são) interdidas por marcadores de raça, gênero e classe. O convento era um tipo de pensão que abrigava pessoas muito humildes como pescadores, ferreiros, carpinteiros e ganhadeiras, trabalhadores que possuíam uma grande determinação na superação dos desafios cotidianos.

Não temos referências sobre as condições de nascimento de Maria Felipa, se nasceu livre ou escrava, mas as memórias indicam um grau de autonomia sobre si, é provável, portanto, que não fosse escrava nos tempos de independência. As memórias sobre ela são rupturas às representações tradicionais nas narrativas escolares sobre a mulher negra, suas atividades de trabalho são valorizadas com o reconhecimento dos saberes produzidos nesses lugares.

Dentro das narrativas clássicas, a mulher negra é reduzida a trabalhadora escravizada de eito e mucama, seu corpo é objetificado, sem identidade, sem história, existe enquanto desejo e necessidade do colonizador. Mesmo para essas imagens, existem leituras insurgentes, onde os deslocamentos dão visibilidade a transgressões, resistências e lutas, revelando os valores, a força e capacidade dessas mulheres de sobreviver, se recriar e defender suas famílias (GONZALEZ, 2020).

A colonização foi uma violência, cujo mais pesado fardo recai sobre a mulher negra (CARDOSO, 2017; CARNEIRO, 2019; GONZALEZ, 2020). A desumanização da população não branca, forjada na matriz moderno/colonial, faz parte do projeto de manutenção das desigualdades sociais, no entanto, fica evidente a nunca aceitação passiva dessa realidade para a população subalternizada. O silêncio em torno da luta contra a opressão e a negação do protagonismo da mulher negra é um importante elo de ligação na engrenagem passado e presente na manutenção das assimetrias sociais, quando essa peça é deslocada, ou fraturada, mesmo em pequenas ações, em ressonância vamos enfraquecendo o sistema e contribuindo na construção da educação para as relações étnico- raciais comprometida com a vida e a dignidade de todos os seres humanos.

Maria Felipa é apresentada nas memórias como negra, pobre, marisqueira, fatoriadora de baleia e ganhadeira, quando a comunidade exalta sua trajetória desloca o olhar para a capacidade de existir em lugares de resistência. Com ela podemos olhar para o passado colonial e transcender as visões negativadas e limitantes sobre a mulher negra, encontrando na sua trajetória de luta um espelho para o enfrentamento dos problemas sociais, porque Maria Felipa, enquanto denúncia da invisibilidade histórica da população não branca no Brasil, simboliza um coletivo que está além dos limites da ilha, ela representa grupos que reivindicam memória, história e justiça social.



A Ilha de Itaparica fica a apenas 14 km de Salvador e desde os tempos coloniais estabelece intenso trânsito de pessoas e produtos. Segundo os moradores, logo nos primeiros movimentos de organização na companhia de independência do Brasil na Bahia, Maria Felipa se apresentou para fazer parte da resistência. As memórias indicam que ela não andava sozinha. Era acompanhada principalmente de outras mulheres, também marisqueiras e ganhadeiras. Ao se alistarem como voluntárias, formaram um coletivo que, por suas habilidades, recebem a função inicial de sentinelas, as chamadas vedetas.

Profundas conhecedoras dos caminhos da ilha, de onde tiravam os seus sustentos, as ganhadeiras de Itaparica passam a fiscalizar o mar e as estradas dia e noite, buscando evitar qualquer surpresa das tropas inimigas. A ligação de Maria Felipa com seu grupo é marcada por muito respeito, os ilhéus de Itaparica relatam que ela nunca abandonou uma companheira. A solidariedade deste momento histórico indica a necessidade de união das mulheres negras na defesa da integridade dos seus corpos.

Duas importantes batalhas marcaram a defesa de Itaparica no processo de independência do Brasil na Bahia[1], a primeira em 29 de julho de 1822; e a segunda, em 7 de janeiro de 1823, quando uma incursão lusa por mar, realiza uma tentativa de tomar posições na ilha (GUERRA FILHO, 2004.). A batalha de janeiro é celebrada com a grande vitória dos ilhéus, que conseguiram impedir o desembarque das tropas portuguesas na Ponta de São Lourenço. Através das memórias, a defesa da ilha teve o maior número de mulheres voluntárias que, sob liderança de Maria Felipa, saem da condição exclusiva de sentinelas e passam a se envolver diretamente no conflito, elas protagonizaram vários momentos, e em alguns deles, os ilhéus afirmam que dominavam e usavam a capoeira.

O grupo de Maria Felipa era formado por 40 mulheres, além de indígenas, pardos pobres e negros libertos, que, mesmo em condições desfavoráveis, conseguiram participar da resistência. A criatividade das estratégias de combate é atribuída a Maria Felipa, e todas estão diretamente ligadas às suas atividades de trabalho, como o ato de caminhar nos mangues catando marisco, a atividade de ganho (inclusive em tempos de guerra), e o uso da peixeira de fatiar baleia para defesa.

[1]Na Bahia o processo histórico de independência do Brasil é compreendido em um intervalo de tempo que vai de fevereiro de 1822, com a intervenção portuguesa na perspectiva de recolonização do Brasil através da nomeação do brigadeiro português Ignácio Luiz Madeira de Melo, até 02 de julho de 1823, com a saída das tropas portuguesas da cidade de Salvador. Durante os primeiros meses do conflito, a população da ilha viveu essas tensões, no entanto, foi após a batalha de Pirajá, em 08 de novembro de 1822, com a tentativa fracassada de controle desta região, que os interesses por Itaparica são amplificados. Os sustentos das tropas portuguesas ficaram dependentes dos recebidos através do mar. E o controle militar da Bahia de todos os Santos se tornou emergencial para a manutenção da guerra.



O papel de sentinela favoreceu o planejamento de uma ação direta sobre as tropas lusas nos possíveis locais de ataque, desta forma, puderam as mulheres com armas improvisadas e tendo a natureza como força bélica, surpreender soldados portugueses em um conflito amplamente afirmado pela memória dos ilhéus, “a surra de cansação”.

Maria Felipa e o mulherio da praia, vestidas com saias rodadas e ramos de flores nas mãos, se aproximaram dos soldados, que envolvidos por elas, quando se despiram foram atacados por galhos desta planta que estavam oculto entre as flores, indefesos pela reação que tiveram, bateram em retirada. Esse momento é narrado como um ato de coragem e bravura, uma estratégia que envolve a sabedoria em usar como arma os efeitos da toxina desta planta, que em contato com a pele provoca urticaria e queimadura.

Dos confrontos das vedetas com os portugueses, outro destaque foi o incêndio de embarcações, as memórias indicam que um total de 40 barcos foram conflagrados. Mas esse número não foi atestado pela historiografia, sabe-se que várias embarcações lusitanas foram incendiadas, entre elas a Canhoneira Dez de Fevereiro, na praia de Manguinhos, e a Barca Constituição, na praia do Convento. Essa estratégia, relevante para a vitória dos ilhéus, foi organizada por Maria Felipa, que junto com seu grupo já estava habituada a manipular o fogo, pois caminhavam com tochas acesas para vigiar o inimigo desde os primeiros momentos da guerra.

Neste sentido, Maria Felipa de Oliveira é lembrada por sua liderança, coragem e criatividade. Ela é celebrada através das memórias como heroína da independência do Brasil na Bahia. A mulher negra, assim como os outros grupos subalternizados que participaram do conflito, foram excluídos do projeto de construção da nação Brasil, que sob domínio da elite deram manutenção ao sistema escravista e interditaram a cidadania para a maior parte da população. Através das memórias sobre Maria Felipa de Oliveira, temos a oportunidade de conhecer uma narrativa outra sobre a independência do Brasil, abrindo as possibilidades de investigação para os saberes produzidos pela mulher negra na história e na sociedade contemporânea.

A comunidade de Itaparica vem a mais de um século buscando visibilidade para a participação de Maria Felipa no processo de independência do Brasil. Em 1904, foi levantada a ideia de um monumento aos heróis da ilha; em 1905 foi feito um apelo municipal por um conjunto de homenagens aos participantes de destaque na guerra, neste documento estava o nome de Maria Felipa como sugestão para a mudança do nome da rua do Canal (FARIAS, 2010). O monumento foi erguido em 1923, no entanto, o nome da heroína negra foi ocultado e inscrito quase um século depois, por uma iniciativa insurgente dos moradores no ano de 2017 (PACHECO, 2017).





A luta pelo reconhecimento de Maria Felipa vai se ampliando e as memórias vão compondo uma narrativa vibrante, e mesmo que fragmentada, carrega a esperança de uma comunidade que reivindica um passado e justiça social. A quebra do silêncio sobre sua trajetória é acompanhada de forte ligação passado/presente, ela provoca refletir sobre as condições de existência da população negra, no que a história carrega de permanência (os marcadores) e no que ainda insiste em ocultar, o protagonismo das mulheres negras.

Segundo Osório (1953), Maria Felipa de Oliveira morreu em 1843. Seu destino após a guerra é desconhecido, no entanto, através das memórias, ela foi inscrita em um dos momentos mais celebrados na memória nacional, a independência do Brasil, e vem desestabilizando a história única, fortalecendo o amor à negritude.

1.1 As Memórias Sobre Maria Felipa De Oliveira

As memórias que recuperam Maria Felipa integram o livro “Maria Felipa de Oliveira: heroína da independência da Bahia” (2010) e são contribuições da pesquisa “Interpretação do Patrimônio com Comunidade”, realizada sob coordenação da professora Eny Kleyde Vasconcelos Farias, envolvendo uma extensa equipe dedicada a escuta dos moradores da ilha e organização de documentos para a identificação das memórias sobre seu protagonismo.

A trajetória de Maria Felipa é contada através de fragmentos, cada memória tem um valor para a comunidade, são imagens que permitem uma orientação através do tempo, um reencontro com o passado do povo guerreiro de Itaparica e sua liderança feminina negra. Transcrevo a seguir alguns destes relatos dos ilhéus, pessoas que herdaram essas lembranças de seus avós e tem esta guerreira negra como parte da sua história, afirmando no cotidiano da ilha a sua existência e protagonismo.

“Minha avó rezava para Nossa Senhora e pedia pra eu ser corajosa como Maria Felipa” (Betinha, 2009 apud FARIAS, 2010, p. 30).

“Maria Felipa foi uma heroína Negra” (Georgina dos Santos, 2009 apud FARIAS, 2010, p. 108).

“Maria Felipa foi uma heroína que liderou mulheres e caminhava a noite com tochas acesas para vigiar os inimigos” (Lícia Margarida Santos, 2009 apud FARIAS, 2010, p. 109).

“Na minha infância ouvi falar em Maria Felipa de Oliveira como uma das heroínas na Batalha da independência” (Arival da Costa Lima, 2009 apud FARIAS, 2010, p.109).





“O que mais me impressionou na história de Maria Felipa de Oliveira foi que ela e suas companheiras não dispunham de armas bélicas, mas mesmo assim não se amedrontaram e conseguiram traçar um plano de ataque audacioso, que jamais seria aceito por um homem, munidas de coragem, bravura, fé e galhos de mato, seguiram em frente e sagraram-se vitoriosas e heroínas”. (Omara Sílvia Conceição, 2009 apud FARIAS, 2010, p.109).

“As mulheres lideradas por Maria Felipa usavam o disfarce: o de se enfeitar com flores e folhas parecidas com as folhas de cansação nas mãos para bater nos portugueses” (Álvaro da Conceição, Entrevista 2009 apud FARIAS, 2010, p.88).

“Maria Felipa e suas companheiras eram todas pescadoras (...) ajudavam na pesca de baleia e, também cortava e fatiava salgava baleias e ordenava a homens e mulheres que vendessem no recôncavo, levando a mercadoria em barcos, que viajavam no rio Paraguaçu para Nazaré e Cachoeira (Álvaro da Conceição, Entrevista 2009 apud FARIAS, 2010, p. 78).

“Ouvi falar que ela foi também ganhadeira (...) não se submetia ao autoritarismo da época. Ela não se julgava a vontade de outras pessoas. O que existia entre as ganhadeiras era a união que as tornavam mais forte”. (Judite Santana, 2009 apud FARIAS, 2010, p. 85).

“O mulherio queima os barcos que estavam sob sua vigilância” (Fernando Rebouças, 2008 apud FARIAS, 2010, p. 99).

“O tempo passou, o seu exemplo de luta germinou e deu frutos. Hoje, novas Marias Felipas lutam na Ilha contra o analfabetismo e a desigualdade social” (Guadalupe Pardo de Freitas, 2008 apud FARIAS, 2010, p. 108).





2. A SALA DE AULA COMO COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM COM MARIA FELIPA DE OLIVEIRA E A PARTIR DO FEMINISMO NEGRO

Dedico esse espaço a apresentar brevemente os pressupostos epistemológicos e metodológicos das atividades, eles compõem uma teia de deslocamentos que vão delineando o trabalho em vários elementos, quando internalizados, operam como projeto a ser construído coletivamente com as(os) estudantes.

2.1 Maria Felipa de Oliveira e a Interculturalidade Crítica

Uma educação para as relações étnico raciais, a partir da interculturalidade crítica, defende a necessidade de romper com visões essencialistas, que reduzem o negro e o indígena a um passado romantizado, uma descaracterização da sua capacidade criativa de resistir a violência da colonização, nesta perspectiva a população não branca é tomada como folclórica dentro de uma lógica fantasiosa. Também rejeita a visão assimilacionista que reconhece as diferenças, mas trabalha na construção de cultura comum por tomar como inferiores os saberes da cultura não hegemônica.

Convidar Maria Felipa para sala de aula é deslocar o lugar do sujeito que conta a história, é abrir o diálogo, as vozes que denunciam o silêncio sobre a trajetória da população não branca e da mulher negra na história, é “pensar a partir de” e “pensar com”, conduzindo olhares e diálogos nas fronteiras entre os conhecimentos e os saberes, compreendendo as memórias sobre Maria Felipa, e as representações sobre ela, como pistas para narrativas outras sobre o passado. Desta forma, não é apenas falar sobre diferenças, não é apenas falar sobre as experiências de exclusão, mas trazer a centralidade crítica para as relações de poder, identificando como isso se constitui enquanto conhecimento e perspectiva histórica.

2.2 Pedagogia Engajada: sala de aula como comunidade de aprendizagem

Assumindo a concepção da Pedagogia Engajada, educar é um ato de amor, de liberdade e autoconhecimento. Como parte de sua perspectiva de educação, a pesquisadora bell hooks (2013), propõe o desenvolvimento do ensino através da abordagem da sala de aula como comunidade, onde todos são responsáveis pelo desenvolvimento da aprendizagem. A sala de aula se transforma em lugar de colaboração, partilha e interesse verdadeiro de uns pelos outros.

O conceito de comunidade dialoga diretamente com Maria Felipa, conhecer sua trajetória é conhecer o poder da comunidade na construção de uma narrativa insurgente, refletindo todo o protagonismo de um povo e uma história não celebrada nos manuais escolares. Os caminhos de aprendizagem trazem em evidência a força desse conceito para a integração do trabalho pedagógico em sala de aula, conduzindo as atividades para a ajuda mútua na superação das dificuldades e valorização de cada estudante.

2.3 Letramento da Interseccionalidade no Ensino de História

Para Akotirene (2009), a interseccionalidade é sobre como a matriz moderno/colonial constrói identidade, estabelecendo para os sujeitos posições que vão delimitando acesso a espaços de sociabilidade e direitos sociais (AKOTIRENE, 2009, p. 29). Os marcadores de raça, classe e gênero delimitam para os sujeitos particularidades que se configuram em desafios ou privilégios. Esses marcadores muitas vezes estão sobrepostos e não se excluem enquanto realidade social, o melhor caminho para essa compreensão é a análise destes, enquanto produtores de pensamentos, sentimentos, pertencimentos e condições de vida.

O ensino de história, influenciado e inspirado nas produções do feminismo negro, provoca a problematização da realidade de forma complexa. A sociedade é desnaturalizada e os fenômenos que alimentam as desigualdades sociais são identificados enquanto representações e enquanto práticas sociais. O currículo escolar é espaço de disputa, pensar uma educação antirracista é se posicionar contra a lógica eurocentrada, fraturar leituras universalizantes, convidar narrativas e instrumentos didáticos que visibilizem as resistências e outras formas de construção e apresentação do saber.

Trazer a mulher negra para o ensino envolve pensar essa mulher como sujeito, tendo suas trajetórias analisadas nos processos históricos e isso não acontece se deslocada da potência interpretativa do feminismo negro. Conhecer a histórica “com” e “a partir de” Maria Felipa de Oliveira é situá-la enquanto sujeito, revelando as interdições da sua condição de existência e as causas do silenciamento de sua trajetória enquanto conhecimento escolar.

A interseccionalidade propõe uma reconfiguração na maneira de olhar o mundo, ou seja, a ampliação da competência interpretativa das/dos estudantes, em que serão provocadas a análise das relações de poder considerando os marcadores e seus efeitos simultâneos. Situar o sujeito leva a identificar que, como racismo e sexismo, a dupla central da matriz, produzem realidades diferentes para os atores sociais, o homem negro sofre o racismo e a mulher branca o machismo, porém a mulher negra está na intersecção dos dois marcadores, vivendo de forma amplificada a experiência de subordinação, de violência física e simbólica.





A trajetória de Maria Felipa, nos caminhos de aprendizagem, vem acompanhada de muitas problematizações, que poderão ser realizadas em sua integralidade ou selecionadas de acordo com o contexto da comunidade. Essas questões apontam a análise crítica do funcionamento do pensamento sexista e machista e como se materializa enquanto conhecimento e prática na construção das desigualdades sociais. Neste sentido, a interseccionalidade adentra a sala de aula não como um novo conceito a ser aprendido, como informação a ser repetida, mas como uma sensibilidade analítica.

Os caminhos de aprendizagem deslocam os saberes históricos para as fronteiras, e estes, em diálogo, favorecem a construção de novos conhecimentos através da comunidade de aprendizagem. Ao analisar a realidade através da interseccionalidade, as/os estudantes vão construindo instrumentos para o reconhecimento de seus lugares sociais, e reconhecendo em suas escolhas e construções internas as influências desses marcadores, um movimento muito importante na formação da identidade social e ressignificação da vida.

Maria Felipa é força insurgente, uma representação de coragem em existir, em uma realidade tão desafiadora como foi para as mulheres negras do passado e é para às do presente. O estudo a partir das memórias e representações sobre ela, ampliam o olhar da(o) estudante para o entendimento de que o conhecimento histórico é produzido a partir das inquietações do presente, ele existe enquanto investigação sobre o passado para aprofundar a nossa compreensão do mundo e orientar a nossa prática na vida.





3. CAMINHADAS DE APRENDIZAGEM

Está caminhada é um convite a aprendizagem inspirada na potência interpretativa das produções das intelectuais do Feminismo Negro. A proposta poderá ser aplicada dentro da unidade escolhida, tensionando o currículo prescrito e inscrevendo uma outra perspectiva histórica para o conteúdo tradicionalmente abordado. Para potencializar as trocas de experiências é interessante que a turma seja dividida em grupos e tenha como foco os diálogos, construção coletiva do conhecimento, e a pedagogia engajada como estratégia de mobilização. Os caminhos de aprendizagem estão organizados por temas, e as etapas também podem ser fragmentadas e desenvolvidas parcialmente ou integralmente, neste sentido, não foi estabelecido o tempo para a execução dos percursos.

As produções artísticas, muitas vezes transbordam o domínio da professora, mas dentro da sala de aula enquanto comunidade, as estudantes vão produzindo e surpreendendo.

Assim sendo, devemos lançar os desafios, estar ao lado deles no processo e colher juntos os frutos do trabalho colaborativo. Neste e-book estão as principais orientações para a realização das atividades, em alguns momentos a proposta é que a professora/professor forneça alguns materiais impressos, em outros, que realize apresentações, todas as ações serão avaliadas e aplicadas dentro da realidade da escola, levando em consideração a identidade das estudantes.



Primeiro Caminho de Aprendizagem



3.1 Maria Felipa de Oliveira, heroína negra da Independência do Brasil

Questão problema: Existe espaço de representação para a mulher negra como heroína na História?

Objetivos:

- Identificar a Lei n.º 13.697[1] de 26 de julho de 2018, que inscreve Maria Felipa de Oliveira como heroína negra da Independência do Brasil na Bahia, relacionando essa realização às memórias da comunidade de Itaparica que celebram sua trajetória histórica.

[1]Disponível em:< [18](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13697.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2013.697%2C%20DE%2026,Her%C3%B3is%20e%20Hero%C3%ADnas%20da%20P%C3%A1tria.> Acesso em jan. 2021.</p></div><div data-bbox=)

- Sensibilizar para as construções internas de imagens relacionadas as assimetrias de poder, força e capacidade de realização, trazendo a reflexão para os marcadores que sustentam essas imagens.
- Romper com os estereótipos negativos sobre a negritude, em especial a mulher negra na história, e atuar para uma educação antirracista e antissexista no ensino.



Atividade 1_ O sujeito histórico que conhecemos

A turma poderá ser acolhida com música, que estimule a introspecção[1], e nesta atmosfera a atividade deverá ser proposta.

Orientação para a visualização:

- Com os olhos fechados e em silêncio cada estudante irá acolher a primeira imagem/ informação que vier à mente conforme orientação da visualização. A proposta é acolher o que for espontâneo e realizar a atividade em silêncio.
- Fechar os olhos exige um grau de entrega muito desafiador para as(os) adolescentes, mas na medida do possível a atividade acontece e é bem divertida. Para alguns estudantes é fácil perceber níveis de elaboração, saindo da proposta espontânea, no entanto, no momento da partilha tudo é integrado no propósito da atividade.
- Comece pensando a importância de estudar história, as informações que você aprendeu em vários anos de estudos, agora pause um pouco os pensamentos (um intervalo de alguns segundos) e pense como é a imagem de alguém importante para a história, sua cor, seus cabelos, sua identificação de gênero, suas roupas e suas qualidades.
- Agora, anotar o que foi visualizado sobre o sujeito histórico e demais informações solicitadas em ficha.

[1] A intenção é favorecer ao máximo a espontaneidade das respostas, neste sentido, a música não deverá fazer referência ao tema, só favorecer a introspecção.

Sugestão de Ficha para a(o) Estudante:

TEMA: O SUJEITO HISTÓRICO QUE CONHECEMOS

1-FAÇA UMA BREVE DESCRIÇÃO DO SUJEITO HISTÓRICO QUE VOCÊ IMAGinou, SUA COR, CABELOS, IDENTIFICAÇÃO DE GÊNERO, GRUPO SOCIAL, ROUPAS E SUAS QUALIDADES.

2-ESSE SUJEITO HISTÓRICO EXISTE OU VOCÊ FEZ UMA DESCRIÇÃO QUE CONSIDERA GENÉRICA? SE SIM, ESCREVA O NOME E OS MOTIVOS QUE FIZERAM ELE SER LEMBRADO, SE NÃO, JUSTIFIQUE PORQUE AS CARACTERÍSTICAS APRESENTADAS ESTÃO RELACIONADAS A ALGUÉM IMPORTANTE PARA A HISTÓRIA.

3- ALGUNS SUJEITOS QUE SE DESTACAM NA HISTÓRIA SÃO TAMBÉM CELEBRADOS COMO HERÓIS OU HEROÍNAS. NA SUA OPINIÃO, QUAL A IMPORTÂNCIA DOS HERÓIS OU HEROÍNAS PARA A HISTÓRIA NACIONAL? QUE FATORES DETERMINAM ESSE TÍTULO?

Interpretação e análise

As/Os estudantes são convidadas a compartilhar suas experiências, sendo um ótimo momento para introduzir perguntas que permitam visibilizar os marcadores predominantes de cor, gênero, e classe dos sujeitos selecionados pela turma. Além dos marcadores, é igualmente importante destacar a contextualização dos mesmos, e se as imagens construídas têm influência da escola, dos meios de comunicação e ou da família.

A proposta é dar visibilidade às construções das representações e as origens das mesmas, acolhendo as variadas representações, e também destacando as ausências, que serão ao longo da discussão problematizadas e desnaturalizadas, trazendo para o centro, a história enquanto construção e partindo desta problemática para o estudo com Maria Felipa de Oliveira. Este movimento contribui na produção de sentido e sensibiliza para o consumo de imagens de forma passiva, e como elas impactam na nossa subjetividade.

Após o espaço de partilha, os marcadores poderão ser quantificados e anotados na lousa, escrevendo o total de sujeitos de acordo com a cor, sexo e grupo social. Essa etapa poderá ser finalizada com a seguinte pergunta: Existe espaço de representação para a mulher negra como heroína na história?

Acolhendo as hipóteses que surgirem, seguimos para a próxima etapa deste caminho de aprendizagem



Atividade 2_ Maria Felipa, heroína negra da Independência do Brasil

Esta etapa, com Maria Felipa de Oliveira e através de suas memórias, deverá problematizar o conhecimento histórico sobre seu protagonismo a partir da Lei n.º 13.697 de 26 de julho de 2018, que a inscreve como heroína da Independência do Brasil na Bahia, relacionando essa realização à força da comunidade de Itaparica e toda as mulheres negras da história, será importante destacar o silêncio da narrativa histórica escolar sobre as contribuições do povo negro neste momento histórico. Essa atividade poderá ser acompanhada de apresentação em Power point ou outro recurso para melhor organização do trabalho.

Na da Lei n.º 13.697/2018 foram reconhecidas Maria Quitéria de Jesus Medeiros, Sórora Joana Angélica de Jesus, Maria Felipa de Oliveira e João Francisco de Oliveira (João das Botas). No entanto, cabe destacar que essas guerreiras, exceto Maria Felipa, já estavam sendo lembradas e afirmadas na história da Bahia há mais de um século, enquanto a trajetória de Maria Felipa era afirmada pelas memórias dos moradores da ilha.

Na ocasião do primeiro centenário da independência houve produções dando visibilidade e rememorando os feitos destas mulheres (AMARAL, 1957; LEDEZMA, 2009), o marcador racial e de gênero no controle das narrativas são reflexos do controle sobre a liberdades dos povos. Ser mulher e guerreira era uma transgressão que precisava ser redirecionada com ideias de civilidade, santidade e pureza; ser mulher, guerreira e negra eram uma realidade negada, uma narrativa a ser eliminada. Entendendo esse contexto, poderá a pesquisa ser ampliada para essas outras mulheres, também importantes para a história, mas sem perder o foco nas assimetrias de poder e representação que foram tradicionalmente construídas. Quando Maria Felipa é interdita na narrativa de celebração pelo centenário de independência, ela está marcada pela opressão de gênero, amplificada pela opressão de raça.

A sala será dividida em equipes e a atividade poderá ser realizada em biblioteca com auxílio de livros e pesquisa em rede, sendo as problematizações intercaladas com discussões em grupos, para em seguida serem feitos os encaminhamentos da atividade de elaboração. Aqui a investigação é parte importante da proposta.

Etapas de desenvolvimento

- 1- A partir da Lei n.º 13.697, de 26 de julho de 2018, em que Maria Felipa de Oliveira foi reconhecida pelas forças institucionais como heroína da independência do Brasil na Bahia, problematizar essa construção trazendo as memórias e a força da comunidade de Itaparica na luta por seu reconhecimento.

- **Perguntas:** O que representa Maria Felipa de Oliveira como heroína para a comunidade negra do Brasil e em especial as mulheres negras? Quais são os principais marcadores da maioria dos representados no panteão dos heróis? Como se deu a luta pelo reconhecimento de Maria Felipa como sujeito histórico e a valorização de seu protagonismo?
- Apresentação do episódio sobre Maria Felipa de Oliveira, da série "Mulheres da Independência", que busca visibilizar a história das heroínas que foram fundamentais para a vitória conquistada nas lutas pela Independência do Brasil na Bahia. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=-pHXQSNYnHA>> Acesso em jan. 2021.
- Permitir que as/os estudantes reflitam sobre as questões norteadoras, façam pesquisa em livro didático, em rede e anotem os dados encontrados. Acolher e discutir os dados e encaminhar para o próximo momento de análise.

2- Apresentação de algumas memórias sobre Maria Felipa, identificando como elas apontam para uma narrativa outra sobre a Independência do Brasil (a desconstrução da separação pacífica, a ausência de participação popular...) e também como revelam um protagonismo para as mulheres negras na história. Elas estão com Maria Felipa, dando visibilidade a um outro lugar de sujeito, o de mulheres aguerridas, que mesmo na maior parte figurando-se como anônimas, se fazem reconhecer através desta representação. Maria Felipa não está sozinha, seu protagonismo rasga uma narrativa que visibiliza o sujeito branco universal, e escancara a porta para toda uma comunidade subalternizada.

- **Perguntas:** Quais eram as atividades realizadas por Maria Felipa? Qual o contexto de vida para as mulheres negras no início do séc. XIX? Quais os principais feitos desta mulher negra marcaram a memória dos ilhéus de Itaparica? O que o protagonismo de Maria Felipa revela sobre a Independência do Brasil? Quem foram as Vedetas? Qual o papel de Maria Felipa neste coletivo? Qual foi a importância da Ilha de Itaparica na definição da guerra contra os portugueses na Bahia em 1823? Que valores inspiraram os ilhéus ao longo de mais de dois séculos, sustentando as memórias sobre Maria Felipa e seu protagonismo? Que marcadores diferenciam essa mulher dos outros nomes do panteão dos heróis nacionais?

- Serão compartilhadas pelas equipes as principais análises construídas juntamente com os dados coletados. É importante, na medida do possível, buscar separar a produção de uma narrativa em rede, as memórias, e a necessidade de pesquisa historiográfica sobre o tema. Após esse momento, a proposta é que cada equipe produza um cordel ou poesia com essas reflexões, e construindo uma narrativa sobre Maria Felipa e a importância de ser lembrada por seu protagonismo. Podemos neste momento retomar a pergunta: Existe espaço de representação para a mulher negra como heroína na História?

3- Momento de compartilhar as produções realizadas e apreciar o trabalho das equipes. Caso seja possível, realizar a apresentação também para a comunidade escolar possibilitando que todos possam conhecer Maria Felipa de Oliveira.



Segundo Caminho de Aprendizagem



3.2 Maria Felipa, ganhadeira, marisqueira e guerreira

Questão problema: Como as atividades desenvolvidas por Maria Felipa de Oliveira, como mulher negra no século XIX, colaboraram para o seu protagonismo e formação das Vedetas?

Objetivos:

- Contextualizar e interpretar a partir das memórias sobre Maria Felipa as suas atividades de trabalho na Bahia do séc. XIX, identificando como os mesmos impactaram no seu protagonismo e na formação da Vedetas.
- Identificar as crenças mais comuns dos mitos da fragilidade feminina compreendendo que marcadores legitimaram suas aplicabilidades, destacando como as desconstruções desses mitos pouco impactaram na realidade das mulheres negras.
- Comparar a vida das mulheres negras desde os tempos da colonização, os lugares de trabalho principalmente, com as atividades desenvolvidas pela maioria dessas mulheres na contemporaneidade.
- Distinguir como os marcadores de raça e sexo definem lugar de privilégios e ou subalternidade a partir dos índices atuais sobre grau de estudos, vagas de trabalho e ganho mensal para as mulheres negras.
- Compreender que o protagonismo em Maria Felipa reflete o protagonismo de muitas mulheres negras ao longo da história.



Atividade _ Maria Felipa ganhadeira, marisqueira e guerreira

Nesta atividade o foco é o trabalho, Maria Felipa foi identificada nas memórias como ganhadeira, marisqueira, pescadora e fatiava baleia. Algumas atividades tinham predominância masculina (por exemplo, a pesca) e para existir nestes lugares ela teve que desenvolver coragem, força e os mais variados tipos de inteligência, conseguido se manter no comércio e alcançando o respeito da comunidade, se tornando no momento de guerra líder de um grupo de 40 pessoas, sendo maioria mulheres, as Vedetas.

No entanto, não nos interessa a manutenção de uma exaltação romântica desta luta, o fardo era pesado, para ser respeitada, a mulher negra precisava superar todos os desafios dos marcadores de sua existência, as ruas eram perigosas e a necessidade de defesa indicava que ela aprendeu a “capoeira” para estabelecer limites para sua integridade. Entendendo a vida das mulheres ganhadeiras do séc. XIX, e olhando para as atividades destas mulheres no presente, nos cabe uma esperança manifesta em ação, a desconstrução da subalternidade e a luta por justiça social, com Maria Felipa e todas as mulheres que representam e rompem a invisibilidade na história.

Etapas de desenvolvimento

1- As/Os estudantes divididas/os em equipes, deverão receber cópias das memórias e nestas especificar as atividades de trabalho exercidas por Maria Felipa, estabelecendo hipóteses de como estão relacionadas ao seu protagonismo. Para maior aprofundamento, realizar pesquisa da condição de vidas das ganhadeiras na Bahia do séc. XIX.

Perguntas: Como as atividades desenvolvidas por Maria Felipa de Oliveira, como mulher negra no século XIX, colaboraram para o seu protagonismo e formação das Vedetas? Quais os níveis de autonomia uma mulher negra, escravizada ou liberta, poderia alcançar com a atividade de ganho? Quais eram as crenças sobre o feminino e as condições de vida das mulheres brancas no mesmo período de vida de Maria Felipa?



2- Organizar os dados coletados no texto e compartilhar as reflexões construídas com a comunidade de aprendizagem. Este momento é especial na inclusão de novas perguntas que possam amplificar as reflexões construídas. Se o conceito de mulher do séc. XIX se remete a uma mulher frágil, que deveria ser protegida, restrita ao espaço doméstico...então as mulheres negras não eram tomadas como mulheres? O que eram?

- Finalizada a análise e discussão, encaminhar para o próximo momento, que será relacionar as condições de trabalho no presente e do passado, compreendendo como as representações foram reatualizadas nos lugares de subalternidade, neste momento é importante destacar que o racismo e sexismo operam nos ambientes de trabalho e no acesso a profissões. (Os trabalhos de domésticas, a erotização comercial dos corpos negros, a invisibilização de negros e negras ocupando posição de comando e acessando profissões tradicionalmente ocupada por pessoas brancasetc.)
- Cada equipe deverá pesquisar as principais atividades de trabalho legadas às mulheres negras na contemporaneidade e seus desafios. Também como parte importante, construir gráficos com base nos índices de desenvolvimento humano da população branca e não branca do país, dando visibilidade às diferenças para os marcadores de raça e gênero.

3. Fazer apresentação dos dados coletados e discutir a partir da seguinte provocação: Como esses índices relevam a nossa história? Os marcadores que carregamos nos dão privilégios ou reduzem espaços de acessibilidade?

- É possível que entre as(os) estudantes algumas trabalhem, ou tenham pessoas próximas que trabalhem com comércio de rua. Esta é uma importante oportunidade para que possam compartilhar suas experiências.



Terceiro Caminho de Aprendizagem



3.3 Memória e reconhecimento como caminho para liberdade com Maria Felipa de Oliveira

Questão problema: Quais os sentidos (históricos, políticos e culturais) na quebra do silêncio sobre Maria Felipa e a ação insurgente para o seu reconhecimento?

Objetivos:

- Contextualizar e Interpretar o monumento da Capela da Piedade em homenagem aos heróis da independência, localizada em Itaparica desde 1923, a partir da ação dos moradores em inscrever o nome de Maria Felipa entre os já reconhecidos heróis da comunidade.
- Compreender a história, como narrativa sobre a trajetória de um povo ou grupo social, que impacta na construção de lugares de valorização dos sujeitos ou subalternização dos mesmos.
- Romper com os estereótipos negativos sobre a negritude, em especial a mulher negra na história, e atuar para uma educação antirracista e antissexista no ensino.



Atividade _ A lápide dos heróis da Capela da Piedade tem o nome de uma mulher negra

Contextualizar a imagem da lápide da capela da piedade de Itaparica, analisando e interpretando a matéria de Clarissa Pacheco[1] no Jornal Correio da Bahia, que registra a ação da comunidade em incluir o nome de Maria Felipa entre os homenageados como heróis da ilha na luta pela independência do Brasil na Bahia.

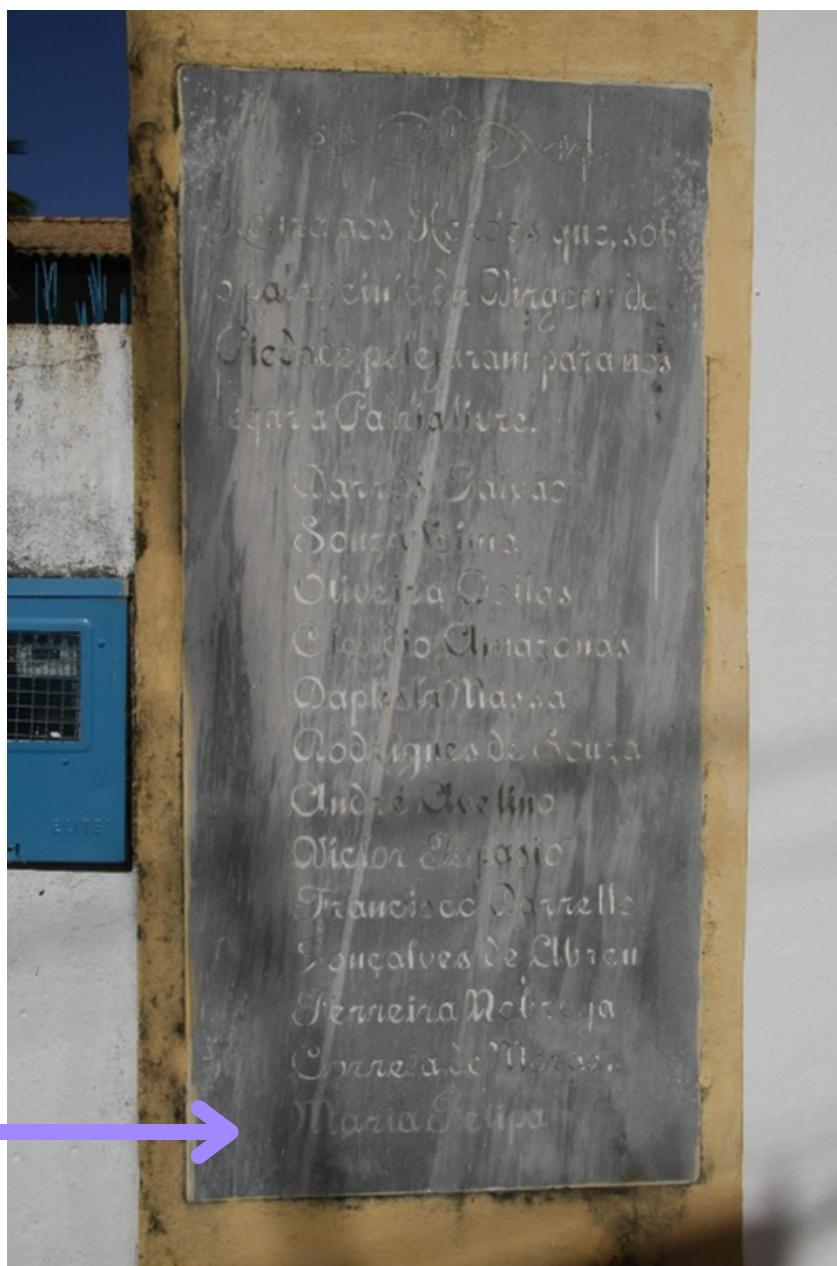
Etapas de desenvolvimento

1- As/Os estudantes, divididas/os em equipes, deverão receber cópias da matéria e fotografias da lápide para que possam fazer a atividade.

- **Perguntas:** Quais os sentidos (históricos, políticos e culturais) na quebra do silêncio sobre Maria Felipa e a ação insurgente para o seu reconhecimento? Quantos são os homenageados na lápide e qual o principal marcador (gênero, raça ou classe) se destaca? Em que ano a lápide foi erguida e em que período Maria Felipa foi inscrita entre eles? Qual a reação da comunidade diante do feito? Que importância essa ação tem para as mulheres negras na história?
- Permitir que os estudantes realizem as análises, comparem os pontos de vistas construídos pelas equipes, e encaminhar para o próximo momento. As partilhas, roda de conversa, são as oportunidades de acrescentar perguntas que possam sensibilizar para os lugares de pertencimento identitário e as construções históricas impostas pelas assimetrias de poder: Quais são os nomes inscritos nas praças e ruas de nossa comunidade? Quais marcadores eles apresentam? Esses nomes são significativos para nossa história?

[1]PACHECO, Clarissa. Disponível em: < <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/quase-um-seculo-depois-moradores-incluem-nome-de-maria-felipa-entre-os-herois/> > Acesso em jan. 2021.

Figura 01. Lápide com os nomes dos heróis da Independência do Brasil na Bahia



Fonte: Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/quase-um-seculo-depois-moradores-incluem-nome-de-maria-felipa-entre-os-herois/>> Acesso em jan. 2021.[1]

[1] A lápide está localizada na Capela da piedade e foi instalada em 1923.

- 2- Apresentação de outros movimentos de luta e reconhecimento da comunidade pela história de Maria Felipa e encaminhar para a atividade de elaboração

MOVIMENTOS EM MEMÓRIA E RECONHECIMENTO A MARIA FELIPA DE OLIVEIRA

- EM 1905, FOI SOLICITADO AO CONSELHO MUNICIPAL DE ITAPARICA QUE A RUA DO CANAL MUDASSE PARA RUA MARIA FELIPA.
- EM 1994 A PREFEITURA DE VERA CRUZ SANCIONOU A LEI 399/94 QUE CRIOU A MEDALHA DE HONRA MARIA FELIPA, O OBJETIVO DA MEDALHA É CELEBRAR PESSOAS QUE TENHAM TRABALHO DESENVOLVIDO PARA O ENGRANDECIMENTO E BEM-ESTAR DA HUMANIDADE, DO BRASIL, DA BAHIA E DO MUNICÍPIO DE VERA CRUZ.
- EM 2002 OCORREU A PRIMEIRA CAMINHADA EM SEU NOME NA ILHA, ESSE EVENTO MOBILIZOU OS DOIS MUNICÍPIOS QUE CORRESPONDE A DIVISÃO POLÍTICA E ADMINISTRATIVA DA ILHA, ITAPARICA E VERA CRUZ.
- EM 2005, O BLOCÃO DA LIBERDADE, EM SALVADOR, LEVOU PARA O CARNAVAL SUA MEMÓRIA.
- EM 29 DE MARÇO DE 2005 A COMUNIDADE DO CURUZU, BAIRRO MAJORITARIAMENTE NEGRO, LANÇOU O CORREDOR CULTURAL DO CURUZU, E NELE, A “CASA MARIA FELIPA”, COM O OBJETIVO DE DESENVOLVER ATIVIDADES CULTURAIS, PESQUISA E DIVULGAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL E A CULTURA NEGRA EM SALVADOR (FARIAS, 2010, P. 112-113).

- **Perguntas:** Na sua cidade ou região existe alguma instituição, grupo ou lugar que recebe o nome Maria Felipa de Oliveira? Se a resposta for sim, investigue os porquês desta realização e produza um cartaz explicando a trajetória deste lugar, grupo ou instituição (estar atento para o levantamento de fontes fotos, artigos de jornais e outros). Se a resposta for não, investigue se existe alguma mulher negra da comunidade que recebe esse reconhecimento e também produza um cartaz com essa trajetória.
- Aqui cabe destacar que Maria Felipa transborda os limites geográficos da Ilha de Itaparica e da Bahia. Assim como outras mulheres negras, quando elas alcançam visibilidade, quebrando o silêncio, passam a representar todas as mulheres que lutam pela transformação da realidade social. Com a força cada vez maior do movimento feminista negro, vamos conhecendo e nos identificando com essas mulheres.

3- Momento de compartilhar as produções realizadas, com explicação dos elementos eleitos para compor o cartaz e apreciação do trabalho. Caso não exista mulheres negras lembradas na região da comunidade escolar, será interessante um momento de elaboração de hipóteses para o fato.



Quarto Caminho de Aprendizagem



3.4 Um rosto para a guerreira Maria Felipa de Oliveira

Questão problema: Qual a importância da produção do busto de Maria Felipa para a construção da identidade negra da população brasileira?

Objetivos:

- Contextualizar e Interpretar a produção do busto de Maria Felipa de Oliveira e o impacto que essa realização tem para a história do povo brasileiro e, em especial, a população não branca do país.
- Problematizar as imagens tradicionais que fazem referências à história do povo negro restritos a lugares de escravidão e destituídos de identidades, nomes e trajetórias, identificando como as imagens impactam na formação dos valores, reconhecimento e autoestima das estudantes.
- Oportunizar espaço para desenvolvimento da criatividade dos estudantes a partir das atividades de elaboração, capacitando para o trabalho colaborativo.
- Romper com os estereótipos negativos sobre a negritude, em especial a mulher negra na história, e atuar para uma educação antirracista e antissexista no ensino.



Atividade _ Um rosto para a guerreira Maria Felipa de Oliveira

As imagens construídas ao longo da história são consideradas como legado para as gerações futuras e influencia o reconhecimento de um grupo social. Nas narrativas tradicionais sobre as mulheres negras, há escassez de imagens que façam emergir a força da resistência negra ao processo de dominação e exclusão historicamente construídas. As imagens, e ou ausência delas, são resultados do processo de colonização, movimentos insurgentes, em especial o das feministas negras, vem transformando essa realidade, dando visibilidade a outras histórias. A produção do busto, como uma conquista da comunidade de Itaparica, é uma expressão que alcança não apenas a população subalternizada e excluída das narrativas sobre a independência do país, mas também todas as mulheres negras na história.

Etapas de desenvolvimento

1- Apresentação do busto/retrato de Maria Felipa de Oliveira com contextualização de sua produção para a análise e interpretação dos estudantes que deverão estar organizados em equipe e refletindo sobre a pergunta: Qual a importância da produção do busto de Maria Felipa para a construção da identidade negra da população brasileira? O marcador racial e de gênero estabelecem desafios para visibilidade de narrativas e imagens de sujeitos históricos? Quais são as principais imagens que aparecem em nosso imaginário quando pensamos em sujeitos na história?

- Sugestões para a análise da imagem, elementos a observar: sensação que a imagem passa, as roupas, a estrutura física etc.
- Acolher as reflexões, hipóteses construídas, sempre valorizando cada voz, cada ponto de vista e cada contribuição. Estar atenta para não desviar da questão problema e acolher várias impressões que surgirem no processo.

Figura 2. Retrato de Maria Felipa de Oliveira



Fonte: Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/quase-um-seculo-depois-moradores-incluem-nome-de-maria-felipa-entre-os-herois/>> Acesso em jan. 2021

Conversando sobre o retrato:

As forças populares na ilha de Itaparica vão delineando uma narrativa sobre Maria Felipa e os fragmentos de memórias se unem em sentimentos e movimentos de reconhecimento. Em 2004, foi encaminhado ao instituto de criminalística Afrânio Peixoto, sob responsabilidade da professora Filomena Orge uma pesquisa para a produção do busto de Maria Felipa, nesta realização foram considerados os subsídios históricos da tradição oral e literária. Filomena Orge, compartilha que as referências colhidas aproximaram Maria Felipa dos negros sudaneses da Costa de Mina para o Brasil do século XVIII, descritos como altos, bem formados, mostrando-se inclinados aos movimentos.

2- Apresentação da obra sobre Maria Felipa feita pelo artista popular Gigante Negro, morador do bairro da Liberdade. Esta produção faz parte da exposição da Casa Maria Felipa, localizada no corredor do Curuzu, no mesmo bairro que mora o artista. Trazer juntamente com a imagem, as memórias dos moradores sobre essa mulher negra.

- A proposta é analisar a imagem, identificando quais são os elementos de aproximação, e ou distanciamento da obra artística com a trajetória narrada por meio dos resgates das memórias.

Figura 3. Pintura sobre Maria Felipa



Fonte: Disponível em: < <https://revistaraca.com.br/a-historia-de-maria-felipa/> >. Acesso em maio 2021

3- Roda de conversa sobre a atividade proposta, onde cada equipe irá compartilhar os resultados das análises, em seguida, encaminhar para a atividade de elaboração.

- Cada equipe deverá fazer uma releitura do busto de Maria Felipa de Oliveira, trazendo para sua composição elementos presentes nas memórias e ou elementos que representem, para as integrantes das equipes, a força, resistência e luta das mulheres negras na história. A releitura poderá ser realizada em pintura, fotografia, desenho à mão livre e ou arte digital.

4- Momento de apresentação, em sala de aula, das produções, com exposição na escola para apreciação da comunidade escolar.



3.5 Maria Felipa propõe a construção da justiça social para todos e o reconhecimento da força da mulher negra na construção da sociedade

Questão problema: Como as memórias sobre Maria Felipa de Oliveira fortalecem os movimentos contemporâneos por justiça social e reconhecimento da força da mulher negra na construção da sociedade brasileira?

Objetivos:

- Identificar a Lei n.º 399/94[1], que cria a Medalha ao Mérito Maria Felipa, do município de Vera Cruz, relacionando essa realização às memórias e os sentidos que a trajetória desta mulher negra tem para a comunidade.
- Contextualizar e Interpretar o Prêmio Maria Felipa, da Câmara Municipal de Salvador[2], criado em 2009, identificando a sua importância na quebra dos paradigmas e imagens estereotipadas sobre a mulher negra na sociedade brasileira.
- Comparar e interpretar os sentidos políticos e históricos de prêmios e medalhas na construção da nacionalidade brasileira.
- Compreender a história, como está conectada às demandas do presente, e que a potência formativa deste conhecimento também é uma reivindicação de vários grupos sociais.
- Identificar como os marcadores de raça e gênero são geradores de interdições às mulheres negras na sociedade a partir da trajetória das homenageadas pelo prêmio Maria Felipa de Oliveira.
- Romper com os estereótipos negativos sobre a negritude, em especial a mulher negra na história, e atuar para uma educação antirracista e antissexista no ensino.

[1] Há muita dificuldade de acesso a informações sobre as(os) premiados(as) e/ou como se deu ao longo desses anos o processo. As notícias da comunidade não são atualizadas na rede virtual. E devido à pandemia, a pesquisa de campo foi bastante prejudicada. Desta forma estaremos compartilhando texto da lei nos anexos e construindo a atividade com o que temos disponível.

[2] Este prêmio vem ganhando força a cada ano e existe uma produção virtual ampla sobre ele, a sugestão é que a atividade seja feita dando ênfase às notícias mais recentes.



Atividade _ Maria Felipa propõe a construção da justiça social para todos e o reconhecimento da força da mulher negra na construção da sociedade

Os prêmios e medalhas celebram pessoas que tiveram realizações dentro dos conceitos prescritos e nos contextos de suas criações. Cada prêmio tem uma história, cada premiada(o) tem uma trajetória de vida carregada de representatividade para sua família, grupo social ou até mesmo uma nação inteira. A proposta é convidar as estudantes a essa reflexão, compreendendo que os marcadores de raça e gênero interditaram durante muito tempo o reconhecimento dos saberes construídos pelas mulheres negras. Neste sentido, a aproximação com a Medalha Maria Felipa e a investigação sobre o Prêmio Maria Felipa, reserva às estudantes um debate muito importante sobre quebra de paradigmas dos lugares sociais e políticos de reconhecimento às trajetórias históricas de importância social e política para toda a população brasileira.

Etapas de desenvolvimento

1- Leitura do texto da Lei n.º 399/94[1], que cria a Medalha ao Mérito Maria Felipa, do município de Vera Cruz, relacionando as memórias da comunidade e luta por seu reconhecimento e preencher a tabela. Será necessária uma apresentação prévia sobre o protagonismo desta mulher negra (narrativa da professora), e a leitura das memórias da comunidade.

Perguntas para análise de documentos:

- O que é o documento?
- Quando e onde foi criado?
- O que esse documento estabelece?
- Que fatores mobilizaram essa realização?
- Que demandas sociais esse documento expressa?
- Que critérios a pessoa deverá atender para ser contemplada com essa realização?
- Para você, que impactos essa realização poderá ter na comunidade e na vida dos contemplados?
- O parágrafo 4 apresenta uma restrição ao acesso a essa realização. Que princípio ético norteia essa interdição?

[1] Há muita dificuldade de acesso a informações sobre as(os) premiados(as) e/ou como se deu ao longo desses anos o processo. As notícias da comunidade não são atualizadas na rede virtual. E

- Momento de debate sobre a produção da tabela, acolhendo as reflexões e sempre valorizando cada voz e cada contribuição. Estar atenta para trazer a reflexão para a questão problema, sem perder de vista a possibilidade de inserir outras perguntas que sensibilizem para o controle do poder que pode ser exercido a partir dessas honrarias: Quem estabelece o que é contribuição para uma comunidade? A comunidade tem voz nestas decisões? Qual a importância do prêmio como uma realização que parte das memórias para o reconhecimento institucional continuar contemplando a comunidade? De que forma em nossa cidade ou município os prêmios ou medalha são construídos? Os marcadores de gênero, raça e sexo tem impacto nestas construções? (A provocação aproxima a temática para a realidade da comunidade escolar, despertando o olhar crítico nas construções destes marcadores e abrindo possibilidades para investigações futuras).

2- Investigar sobre o Prêmio Maria Felipa, da Câmara Municipal de Salvador, criado em 2009, identificando a sua importância na quebra dos paradigmas e imagens estereotipadas sobre a mulher negra na sociedade.

Figura 4. Prêmio Maria Felipa



Fonte: Foto da premiação de 2019. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/premio-maria-felipa-homenageia-mais-de-20-mulheres-que-atuam-na-luta-por-direitos-e-no-combate-ao-racismo-em-salvador>> Acesso em maio 2021.

Perguntas: Quando o prêmio foi criado? Qual o seu principal objetivo? Qual a data que ele tradicionalmente acontece? O que essa data representa para as mulheres negra? Quais as áreas de atuação das homenageadas da edição de 2021? O que diferencia esse prêmio de outros que celebram honra e mérito à memória nacional? Por que um prêmio desta natureza carrega o nome de Maria Felipa de Oliveira? Quais as imagens tradicionalmente divulgadas nas mídias sobre as mulheres, em especial a mulher negra? De que forma este prêmio e a trajetória de Maria Felipa contribuem para a quebra de paradigmas dos lugares sociais e políticos atribuídos às mulheres negras?

- Organizar as informações em forma de texto dissertativo e apresentar as análises produzidas para discussão em grupo. Concluído esse momento, seguir para a próxima etapa.

3- As equipes deverão escolher uma das homenageadas pelo prêmio e iniciar a construção de uma breve biografia em forma de texto dissertativo, destacando os fatores que fizeram elas serem contempladas nesta realização. Algumas das homenageadas apresentam em suas biografias histórias de superação em que os marcadores de raça, gênero e classe estiveram desafiando suas realizações, outras destacam o reconhecimento da negritude como essencial no fortalecimento de suas identidades. Será um momento muito especial para os estudantes se aproximarem destas trajetórias.

- Fazer uma apresentação das biografias produzidas para apreciação da turma e partilha dos caminhos de análise realizados.



Sexto Caminho de Aprendizagem



3.6 No mar, no rio ou sertão Maria Felipa é força de realização

Questão problema: Quais os sentidos históricos, políticos e culturais de compartilhar a história de Maria Felipa com a comunidade escolar?

Objetivos:

- Identificar a história de Maria Felipa, destacando a importância das memórias e os sentidos que a trajetória desta mulher negra tem para o Brasil.
- Contextualizar e Interpretar o cordel de Jarid Arraes[1], Maria Felipa, identificando a sua importância como parte de um movimento feminista negro que dá visibilidade às mulheres na história e a potência de realização dessas mulheres na contemporaneidade.
- Aproximar-se de linguagens outras de propagação do conhecimento histórico e compartilhar este saber com a comunidade escolar.
- Romper com estereótipos negativos sobre a negritude, em especial a mulher negra na história, e atuar para uma educação antirracista e antissexista no ensino

[1] ARRAES, Jarid. Heroínas negras brasileiras. Editora Seguinte. Edição do Kindle, p. 74-80.



Atividade _ No mar, no rio ou sertão Maria Felipa é força de realização

Os marcadores de raça, gênero e classe interditaram historicamente a visibilidade das contribuições das mulheres negras para a sociedade e legaram a esse grupo social condições de subalternidade. As lutas sociais vão abrindo caminhos nas desconstruções de injustiças e busca por direitos. Conhecer a história das mulheres negras, as suas produções intelectuais e artísticas, fazem parte deste movimento. Através da arte de Jarid Arraes podemos acessar esse lugar com leveza e nos desafiar a essa comunicação através de outra linguagem.

Etapas de desenvolvimento

1- Leitura primeira do cordel com as primeiras reflexões sobre a história de Maria Felipa.

Perguntas: Quem foi Maria Felipa de Oliveira? Alguém já ouviu ou leu sobre ela em algum lugar? Quais são as primeiras impressões que temos ao tomar contato com essa história? Quais as características mais comuns dos heróis celebrados na história? Quais marcadores eles carregam?

2- Contextualizar e interpretar o cordel com base nas memórias sobre Maria Felipa e os movimentos por reconhecimento. Poderá ser apresentado um vídeo junto com as memórias ou essa contextualização será feita através da narrativa da professora. Uma pergunta interessante para esse momento é: O que aproxima a autora da trajetória de Maria Felipa?

- Breve apresentação de Jarid Arraes[1], escritora sertaneja que diante da dificuldade de encontrar literatura escrita por mulheres negras passou a se dedicar a esse estudo. É interessante trazer a reflexão para o fato de que a produção existe, a dificuldade é o acesso, neste sentido, trazer perguntas sobre os marcadores e como a falta de informação e conhecimento sobre escritoras negras são resultados do racismo sistêmico presente na sociedade brasileira.

3- Iniciar o planejamento, junto com os estudantes da atividade de leitura/dramatização do cordel para apresentação à comunidade escolar. Divididos em equipes, os estudantes deverão se organizar no sentido de atribuir tarefas, promover ensaios e ajustar à proposta a realidade da comunidade de aprendizagem. É importante trazer a questão problema para que toda a atividade esteja alinhada a esse propósito.

[1] Disponível em: < [https:// http://jaridarraes.com/biografia/](https://http://jaridarraes.com/biografia/) > Acesso em maio 2022.

- **Equipe de Leitura/interpretação:** Definir/exercitar o tom de impostação da voz, se será leitura individual das estrofes, em duplas ou coletivas. O cordel tem um total de 25 estrofes com seis linhas cada. Uma equipe de 12 pessoas consegue, com articulação, dividir bem a leitura, que também poderá ser acompanhada de movimentos. Uma pergunta interessante é: Quais movimentos são significativos incluir? (a proposta é trazer intencionalidade para cada gesto que for apresentado).
- **Equipe de indumentária e maquiagem:** Como Maria Felipa será representada através das roupas e maquiagem das(os) estudantes?
- **Equipe do cenário:** Pensar e organizar um espaço para a apresentação, dentro da realidade da escola. Trazer para esse cenário elementos de representação da cultura negra e que se comunique com a trajetória de Maria Felipa.
- **Equipe de divulgação, logística e comunicação:** esta equipe irá produzir um cartaz convidando a comunidade escolar para o grande dia de apresentação, e precisará fazer uma introdução antes da apresentação, e no final, os agradecimentos. Terá que estabelecer diálogo com as outras equipes, fazendo levantamento dos materiais necessários, dificuldades encontradas, e viabilizar a solução dos mesmos junto com a professora.
- *Outras equipes poderão surgir, aqui encaminhamos apenas sugestões no sentido de contribuir na organização do trabalho.*

4- Reunião para compartilhar os sentimentos, impressões e desafios que a experiência trouxe para o grupo, também é importante destacar o que foi conquistado com a realização: O que mais é possível quando nos unimos em propósito?



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O E-book é a materialização de uma busca dedicada a contribuir com uma educação antirracista e antissexista no ensino de história. Como instrumento didático, ele é potente e abre diversas possibilidades de diálogos e estudos sobre a formação do Estado brasileiro e as contribuições das mulheres negras na história. Como parte de um processo de reconstrução interna de paradigmas, ele representa uma ruptura com valores e práticas eurocentrada no ensino e a aprendizagem a partir da epistemologia feminista negra. Encontrar Maria Felipa em sua potência formativa é um encontro com minhas ancestrais, mesmo em contextos desafiadores, sei que pertencemos a um grupo, temos voz, representação e produções que podem embasar nossas práticas e acalmar também nossos sentimentos, já que podemos nos entusiasmar juntas e juntos ensinando a transgredir. Vamos nos aquilombar, lembrando Beatriz Nascimento, para que a nossa transgressão se amplifique na construção de uma nova consciência.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. Em torno das Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana: uma conversa com historiadores. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, jan-jun/2008. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/eh/v21n41/01.pdf>> Acesso em set. 2020.

ABUD, K. O ensino de história como fator de coesão nacional: os programas de 1931. Revista Brasileira de História. v.13, n.25/26, p. 163-174, set. 92/ago.93, 1993.

_____. “A guardiã das tradições: a História e o seu código curricular”. In: Educar em Revista. Curitiba, n. 42, p. 163-171, Dec. 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/er/n42/a11n42.pdf> > Acesso em: 13 fev. 2020.

_____. Currículo de história e políticas públicas: os programas de História do Brasil na escola secundária. In: BITTENCOURT, C. M. F. (org). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2005. cap. 1, p. 28-41.

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. O Civismo Festivo na Bahia: Comemorações Públicas do Dois de Julho (1889-1923). (Dissertação de Mestrado - História), Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 1997.

AMARAL, Braz do. História da Independência na Bahia. Salvador: Progresso, 1957.

ADICHIE, C. N. O perigo de uma história única. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras. 2009

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén Livros, 2019.

ALBERTI, Verena. Algumas estratégias para o ensino de história e cultura afro-brasileira. In: PEREIRA, Amílcar Araújo e MONTEIRO, Ana Maria (Org.). Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

_____. Proposta de material didático para a história das relações étnico-raciais. Revista História Hoje, v. 1, nº 1, p. 61-88 –2012. Disponível em:< <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/19>> Acesso em nov. 2022.

BITTENCOURT, C. Ensino de História: Fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

BITTENCOURT, C. M. F. Identidade nacional e ensino de história no Brasil. In: KARNAL, L. (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2004. cap. 11, p. 185-204.

BRASIL. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006. 262p.

CAIMI, Flávia Eloisa. Cultura, Memória e Identidade: o ensino de história e a construção dos discursos identitários. In: SILVA, Beresta Cristiani e ZAMBONI, Ernesta (Org). Ensino de História Memória e Culturas. Curitiba: CRV, 2013. p. 17-33.

CANDAU, V. M.. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. Revista Brasileira de Educação, v.13, n. 37, 2008b.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanidade: Proposta feminista negra de organização política transformação social. Disponível em:< <https://forum.lasaweb.org/files/vol50-issue3/Dossier-Lelia-Gonzalez-2.pdf>> Acesso em dez. 2020.

_____. História das mulheres negras e pensamento feminista negro: algumas reflexões. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org). Pensamento feminista brasileiro formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 271-289.

_____. CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. Selo Negro, 2011.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 271-312, 2019.

FARIAS, Eny Kleyde Vasconcelos. Maria Felipa de Oliveira: heroína da Independência da Bahia. Salvador: Quarteto, 2010.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 39-62.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras, v. 12, p. 98-109, 2012. Disponível em:< <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.htm>> Acesso em out.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Latino Americano. In: RIOS; Flávia e LIMA, Márcia (org). Por um feminismo Latino Americano: ensaios, intervenções e diálogos. 1ed. Rio de Janeiro; Zahar, 2020.

GRAHAM, Sandra L. Uma certa liberdade. Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação. São Paulo: Selo Negro, p. 214-227, 2012.

GUERRA FILHO, Sérgio A. D. O Povo e a Guerra: Participação das Camadas Populares nas Lutas pela Independência do Brasil na Bahia. (Dissertação de Mestrado) Salvador: UFBA, 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/marine/Downloads/245741-181415-1-PB.pdf> Acesso em abr. 2020.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. 7^o edição. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. Identidades culturais na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir a educação como prática da liberdade. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2013.

_____. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Editora Elefante 2019.

LOPES, Gabriella, A. D. S.S; SILVA, D. O. S. "Heroínas bahianas": personagens femininas nas comemorações do centenário da independência da Bahia. Encontro Anpuh. <<http://www.encontro.ms.anpuh.org/resources/anais/38/1412131987> > Acesso em jan. 2021.

MONTEIRO, Ana Maria. Ensino de História: entre história e memória. Revista do Núcleo de Estudos de Currículo do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ, 2012, p. 01-26.

MONTEIRO, A. M. F. C. Professores de História: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro: MAUAD Editora, 2007.

MONTEIRO, Katani Maria Nascimento; MÊNDEZ, Natália Pietra. Gênero, biografia e ensino de história. Revista Aedos, v. 4, n. 11, pág. 84-97, 2012.

_____. Ensino de História: lugar de fronteira. In: ARIAS NETO, J. M. História: guerra e paz. ANPUH XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina: ANPUH/FINEP, 2007, p. 71-97.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

NEPOMUCENO, Bebel. "Mulheres Negras - protagonismo ignorado". In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. Nova História das Mulheres. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

NÓBREGA, Bernardino Ferreira. Memórias Históricas sobre as vitórias alcançadas pelos itaparicanos no decurso da campanha da Bahia quando o Brasil proclamou sua Independência. Bahia: Tipografia Social, 1923.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010.

OSÓRIO, Ubaldo. A ilha de Itaparica, história e tradição. 3.ed. Salvador. S.A. Artes Gráficas, 1953.

PAIXÃO, Marcelo e GOMES, Flavio. História das diferenças e das desigualdades: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação. In: XAVIER, Giovana, FARIAS, Juliana Barreto, GOMES, Flavio (orgs). Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação. São Paulo: Selo Negro, 2012.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. Uma “volta ao mundo” com as mulheres Capoeiras: Gênero e cultura negra no Brasil (1850-1920). In: XAVIER, G.; FARIAS, J. B.; GOMES, F. Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação. São Paulo: Selo Negro, 2012.

PIRES, ALCS; SOARES, Carlos Eugênio L. Capoeira na escravidão e no pós-abolição. Dicionário da escravidão e liberdade, v. 50, p. 141-148.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, v.2, nº 3, 1989.

_____. Memória e Identidade Social. In: Revistas Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, v.5, nº 10, 1992, p.200-2012.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. In: Relações étnico-raciais e educação no Brasil. Coleção Pensar a Educação, Pensar o Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

SOARES, Cecília Moreira. As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX. Afro-Ásia, n. 17, 1996.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera M. Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 2009. P 12- 39 Disponível em: <<https://pdfcoffee.com/walsh-catherine-interculturalidade-critica-e-pedagogia-decolonial-pdf-free.html> > Acesso em set. 2020.

_____. “Outros” saberes, “outras” críticas: reflexões sobre as políticas e as práticas de filosofia e decolonialidade na “outra” América1 Entrevista. Revista X, v. 16, n. 1, p. 54-79, 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78195>> Acesso em ago. 2021.

ANEXOS

Maria Felipa

Por Jarid Arraes



(1) Nos registros brasileiros
A injustiça predomina
E o danado esquecimento
Na injustiça se culmina
Pois ainda não se acha
Tudo o que se examina.

(2) Esquecidas da História
As mulheres inda estão
Sendo negras, só piora
Esse quadro de exclusão
Sobre elas não se grava
Nem se faz uma menção.

(3) Cito a Maria Felipa
Exemplar essa guerreira
Natural de Itaparica
Foi na ilha marisqueira
E lutou tão bravamente
Liderando na trincheira.

(4) Mulher negra corajosa
E também trabalhadora
Era muito bem querida
Pela gente sofredora
Um exemplo irreparável
De mulher pelejadora.

(5) Na ilha de Itaparica
No estado da Bahia
Ela assumiu o comando
Da batalha que zunia
Pela então independência
Da Bahia onde vivia.

(6) Essa Maria Felipa
As mulheres liderou
Eram cerca de quarenta
As mulheres que juntou
E com muita ousadia
Grande incêndio provocou.

(7) Reunidas as guerreiras
Por Felipa lideradas
Colocaram fogo alto
Nas embarcações chegadas
E que eram inimigas
Da gente mobilizada.

(8) As embarcações queimadas
Dizem ser mais de quarenta
Mas também há quem a firme
Que a contagem nem se tenta
Pois tamanha quantidade
Facilmente não se ostenta.



(9) As mulheres reunidas
E dotadas de esperteza
Prepararam uma armadilha
Com o engano da beleza
Seduziram os portugueses
Bem sabidas com destreza.

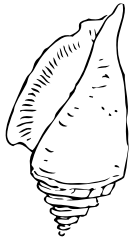
(10) Seduzidos e animados
Eles foram enganados
Já estavam até sem roupa
Quando foram espancados
Com galhos de cansaço
Acabaram bem surrados.

(11) Cansaço é uma planta
Que provoca queimadura
Similar à tal urtiga
O queimado é sem firula
Inda mais se não tiver
Proteção duma armadura.

(12) Mas o caso aqui contado
Não é único ou final
Já que a Maria Felipa
Era líder sem igual
E com muita inteligência
Fez de si fenomenal.

(13) Muitos homens e mulheres
Muitas classes e etnias
Encontravam em Felipa
Heroína de ousadia
E por isso se guiavam
Pelo que ela lhes dizia.





(14) Junto com a sua gente
Ela então fortificou
As praias de Itaparica
E também organizou
O envio de alimentos
Pra quem deles precisou.

(15) Além desses mantimentos
Que Felipa garantiu
Ela também foi pra guerra
Como nunca antes se viu
E bastante ativamente
Nos conflitos emergiu.

(16) Outro caso memorável
Que aqui posso contar
Foi uma tal cerimônia
Pra bandeira se hastear
Quando Guimarães das Uvas
Ela resolveu sorrar.

(17) Para nesse português
Ela dar uma lição
Felipa também contou
Com a organização
De mais força feminina
Que lhe estendeu a mão.

(18) Ela era negra e pobre
E morava no Convento
Casarão assim chamado
Porque nesse embasamento
Só morava ali a gente
Que só possuía o vento.

(19) Mas se não tinha dinheiro
Era então trabalhadora
Corajosa e imponente
Grandemente inspiradora
Tinha a pura vocação
De nos ser libertadora

(20) Ela até por escritores
Foi em livros registrada
Xavier Marques foi um
Que lhe fez então citada
E também Ubaldo Osório
Quando da ilha contava.

(21) Há quem diga sem acanço
Que ela foi inspiração
Para a Maria da Fé
Dum livro sobre a nação
Viva o povo brasileiro
É sua intitulação.

(22) Heroína negra e forte
Líder dessa independência
Para o povo da Bahia
É imensa essa influência
Que dela jamais esquece
Por sua resiliência.

(23) Como fica muito claro
Nosso povo tem história
E por isso nós devemos
O respeito e a memória
Para Maria Felipa
Que viveu imensa glória.

(24) Na História do Brasil
As mulheres negras são
Baluarte e segurança
Com grandeza e emoção
Lutadoras dessa terra
E heroínas da nação.

(25) Que a partir desse momento
Nossa história vá gravada
Tendo o reconhecimento
Pela batalha travada
Pois só assim que teremos
Nossa alma bem lavada.



**ANEXO II – Medalha ao Mérito Maria Felipa
do Município de Vera Cruz**

**Estado da Bahia
Câmara Municipal de Vera Cruz
Aprovado em 17/11/1994**

Projeto de Lei Nº 007/94

Cria a Medalha ao Mérito Maria Felipa do Município de Vera Cruz

Art 1º – Fica criada a Medalha de Honra ao Mérito “Maria Felipa” para ser concedida pela Câmara Municipal de Vera Cruz.

§ 1º – A Medalha deverá ter a forma circular, 35 mm de diâmetro e ser folheada a ouro 18 quilates num total, não inferior, a 10 gramas.

§ 2º – Na parte frontal da Medalha, a esfinge de uma mulher com o nome logo abaixo Maria Felipa.

Art 2º – Esta Comenda será concedida a personalidades que com seu trabalho tenham contribuído ou contribuam para o engrandecimento e bem estar da raça humana, e pelos serviços prestados ao Brasil, a Bahia e ao Município de Vera Cruz.

Art 3º – Os agraciados com tal comenda, pelos serviços prestados ao município, não nativos, deverão estar residindo na Ilha há mais de dez anos.

Art 4º – Não será concedida tal comenda em decorrência a realizações no exercício do mandato, de cargo eletivo no âmbito dos poderes legislativo e executivo.

*Maria Felipa de Oliveira,
Heroina da Independência da Bahia*

123

FARIAS, Eny Kleyde Vasconcelos. Maria Felipa de Oliveira: heroína da Independência da Bahia. Salvador: Quarteto, 2010.



Art 5º – O Projeto de Resolução para concessão da Medalha Maria Felipa, pela Câmara dos Vereadores só poderá ser apresentada para tramitação quando subscrito por três vereadores além do proponente.

Art 6º – A Câmara Municipal por ano, poderá conceder no máximo 02 (duas) Medalhas, as quais deverão ser previstas no orçamento, do período seguinte, o numerário para a cunha-gem das mesmas.

Art 7º – Esta Lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões da Câmara de Vereadores de Vera Cruz,
19 de Maio de 1994.

Raimundo Moreira – Maroto
Vereador

Justificativa

As idéias de Liberdade, Igualdade e Fraternidade que emergiram da Revolução Francesa, a independência dos Estados Unidos e a Declaração dos Direitos do homem, foram fatos determinantes para o surgimento do liberalismo no Brasil, que culminou no processo de Independência.

Algumas camadas da sociedade brasileira procuraram articular, junto ao Príncipe Regente, a Independência, a qual teve início em janeiro de 1822 com o Dia do Fico. Na Província de Salvador vários movimentos em favor, não só da Independência, como também da República, já haviam sido desencadeados antes desta data, porém todos foram abafados pelas tropas coloniais e seus líderes penalizados, porque estes eram pessoas humildes e não ostentavam títulos de Barão e outros.

Diante desses fatos alguns membros da sociedade de Itaparica passaram a se reunir para debater esses acontecimentos, e então decidiram defender a causa da Independência em favor do Liberalismo.

Em Sete de Setembro de 1822, foi proclamada a Independência do Brasil, porém na Província de Salvador restava o último foco do Imperialismo Português, representado por alguns comandantes portugueses que resistiam ao fato de que o Brasil estava independente. Ao saber da existência de um grupo, na Ilha de Itaparica, defensor de idéias Liberais e a favor da Independência, através da denúncia do português João de Campos



ao General Madeira, resolveram atacar em 10 de julho sobre o comando de Joaquim José Ferreira.

Porém eles não esperavam que a resistência fosse suportar ao ataque, e por terem subestimado um povo forte, lutador, que amava acima de tudo seu país, e sua terra natal, foram derrotados nos diversos confrontos com a resistência. Até por fim serem derrotados em toda Província.

Durante os confrontos várias pessoas se destacaram graças aos seus atos de heroísmo e seu apoio à Independência, como, por exemplo, João das Botas, porém havia uma Maria que a exemplo de Maria Quitéria, trocou a vida caseira e o vestido para lutar por um ideal: o de ver o seu país Independente, foi Maria Felipa de Oliveira que morava na Ilha de Itaparica e lutou bravamente na Praia do Convento, onde, junto aos seus companheiros de luta destruíram a Barca Constituição pertencente aos Portugueses.

Cumprir a este vereador ressaltar a bravura e o heroísmo destes itaparicanos e dar destaque a nossa heroína Maria Felipa, que representa a bravura, a raça e determinação das mulheres da Ilha, em especial as do município de Vera Cruz, e é em nome delas, que, nessa honraria, proponho esta homenagem. Raimundo Moreira – Maroto

**Estado da Bahia
Prefeitura Municipal de Vera Cruz
Lei Nº 399/94**

Cria a Medalha ao Mérito Maria Felipa do Município de Vera Cruz

126

Ruy Manoel Nascimento Almeida

O Prefeito Municipal de Vera Cruz, Estado da Bahia, no uso de suas atribuições legais e constitucionais, faço saber que a Câmara de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte lei:

Art 1º – Fica criada Medalha de Honra ao Mérito “Maria Felipa” para ser concedida pela Câmara Municipal de Vera Cruz.

§ 1º – A Medalha deverá ter a forma circular, 35 mm de diâmetro e ser folheada a ouro 18 quilates num total, não inferior, a 10 gramas.

§ 2º – Na parte frontal da Medalha, a esfinge de uma mulher com o nome logo abaixo Maria Felipa.

Art 2º – Esta Comenda será concedida a personalidades que com seu trabalho tenham contribuído ou contribuam para o engrandecimento e bem estar da raça humana, e pelos serviços prestados ao Brasil, a Bahia e ao Município de Vera Cruz.

Art 3º – Os agraciados com tal comenda, pelos serviços prestados ao município, não nativos, deverão estar residindo na Ilha há mais de dez anos.

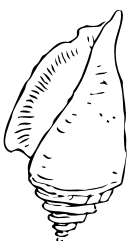
Art 4º – Não será concedida tal comenda em decorrência a realizações no exercício do mandato, de cargo eletivo no âmbito dos poderes legislativo e executivo.

Art 5º – O Projeto de Resolução para concessão da Medalha Maria Felipa, pela Câmara dos Vereadores só poderá ser apresentada para tramitação quando subscrito por três vereadores além do proponente.

Art 6º – A Câmara Municipal por ano, poderá conceder no máximo 02 (duas) Medalhas, as quais deverão ser previstas no orçamento, do período seguinte, o numerário para a cunhagem das mesmas.

*Maria Felipa de Oliveira,
Membro da Independência da Bahia*

127



Art 7º – Esta Lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogando-se às disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito, 17 de Novembro de 1994.

Rogério James de Andrade

Prefeito Municipal



